

## ESBOÇOS DE VIAGEM AO SUL DO BRASIL:

## 1. Uma visita às colônias alemãs e italianas em Porto Alegre no Sul do Brasil (1892)\*

*Reiseskizzen aus Südbrasilien:*

## 1. Ein Besuch in den deutschen und italienischen Colonien bei Porto Alegre in Südbrasilien (1892)

Autor: Dr. Alfred Hettner (1859-1941)

Tradutor: Leonardo Arantes

<sup>A</sup> Univesität Heidelberg, Alemanha<sup>B</sup> FFP-UERJ, São Gonçalo-RJ, Brasil

DOI: 10.12957/tamoios.2025.89515

Correspondência para: Leonardo Arantes (leonardo.arantes@uerj.br)

## Resumo

A tradução em questão versa para a língua portuguesa o primeiro esboço de viagem do geógrafo alemão Alfred Hettner (1859-1941) sobre a região sul do Brasil. Apesar de ter sido consagrado como o grande epistemólogo da Ciência Geográfica da primeira metade do século XX, Hettner realizou seus trabalhos de campo para o doutoramento e *Habilitationsschrift* na América do Sul, quando pôde visitar as empreitadas coloniais alemãs na região sul do Brasil. Em consonância com as comemorações aos 200 anos de colonização alemã no Brasil, a presente tradução visa não apenas tornar acessível ao leitor de língua portuguesa um dos relatos de viagem do conhecido geógrafo alemão, mas também reconhecer o papel seminal que essa figura exerceu na Geografia Brasileira, inaugurando uma tradição germânica do pensamento geográfico brasileiro, cujo maior expoente foi, sem dúvida, um de seus discípulos, o geógrafo também alemão Leo Waibel.

**Palavras-chave:** Alfred Hettner; Geografia; colonização alemã; Região Sul do Brasil.

## Abstract

The translation in question puts into Portuguese the first travel sketch by German geographer Alfred Hettner (1859-1941) about the southern region of Brazil. Despite having been recognized as the great epistemologist of Geographical Science in the first half of the 20th century, Hettner carried out his fieldwork for his doctorate and *Habilitationsschrift* in South America, when he was able to visit German colonial ventures in the southern region of Brazil. In line with the celebrations of 200 years of German colonization in Brazil, this translation aims not only to make one of the travel reports of the well-known German geographer accessible to the Portuguese-speaking reader, but also to recognize the seminal role that this figure played in Brazilian Geography, inaugurating a Germanic tradition of Brazilian geographical thought, whose greatest exponent was, without a doubt, one of his disciples, the German geographer Leo Waibel.

**Keywords:** Alfred Hettner; Geography; germany colonization; Southern region of Brazil.



# Revista Alemã

de

## Geografia e Estatística

Editada em colaboração com proeminentes especialistas

por

Professor **Dr. Friedrich Umlauf**, Viena.

Ano 14

Caderno 5.

Fevereiro de 1892.

### Esboços de Viagem ao Sul do Brasil.

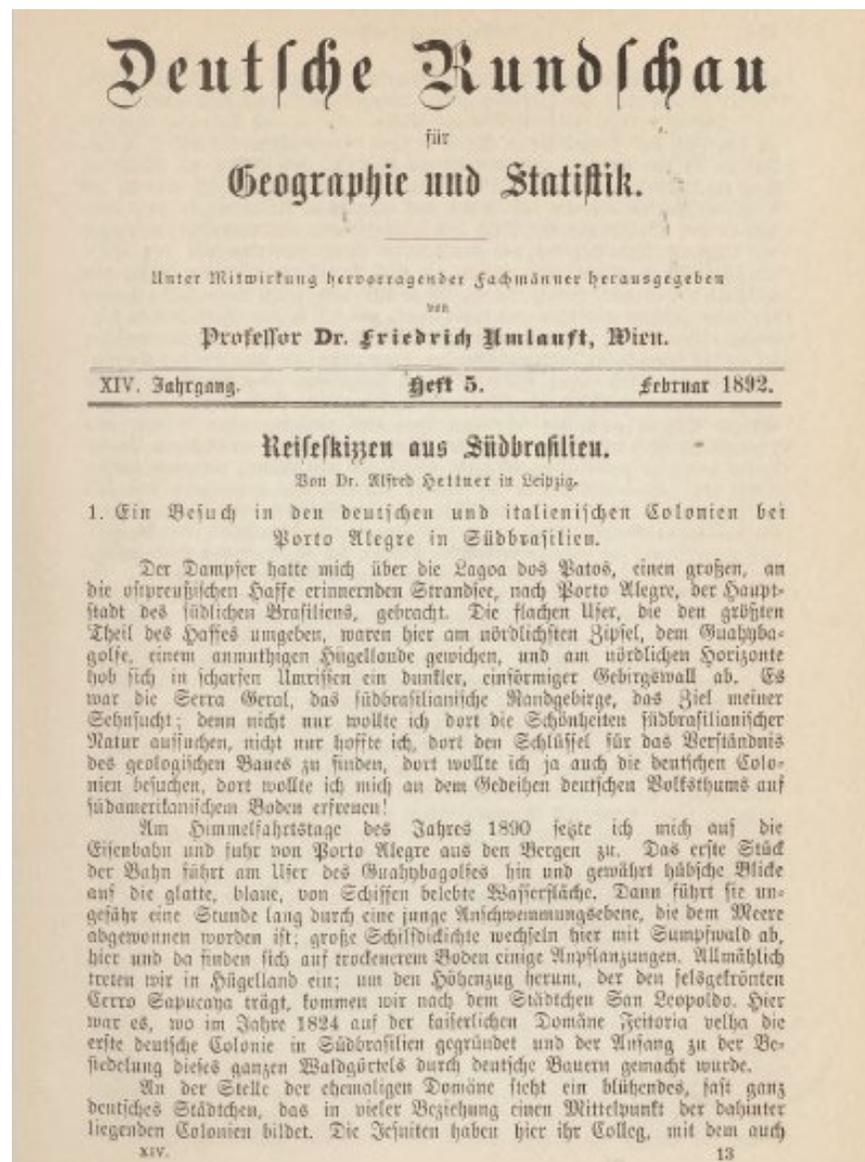
Por Dr. Alfred Hettner em Leipzig.

#### 1. Uma visita às colônias alemãs e italianas em Porto Alegre no Sul do Brasil.

O barco a vapor havia me conduzido da Lagoa dos Patos, uma grande laguna semelhante à ria do leste prussiano<sup>1</sup>, até Porto Alegre, capital do sul do Brasil. As margens planas que circundam a maior parte da ria cediam lugar aqui no extremo norte, no lago do Guaíba, a uma encantadora região montanhosa, e no horizonte norte uma parede montanhosa escura e uniforme se destacava em contornos nítidos. Tratava-se da Serra Geral, a cadeia montanhosa do sul do Brasil, alvo de minha melancolia; pois lá eu não queria somente visitar as belezas da natureza do sul do Brasil, nem apenas esperava encontrar lá a chave para a compreensão da constituição geológica: lá eu queria de fato visitar as colônias alemãs, lá eu queria me alegrar com o prosperar do povo alemão em solo sul-americano!

No dia da Ascensão de 1890, peguei o trem e parti de Porto Alegre em direção às montanhas. A primeira parte do percurso passa pelas margens do Lago do Guaíba e oferece belas vistas da superfície lisa e azul da água, repleta de barcos. Então, segue por cerca de uma hora através de uma planície aluvial recente que foi conquistada do mar; grandes matagais de junco alternam-se aqui com florestas pantanosas, e aqui e acolá se encontram algumas plantações em solos mais secos. Pouco a pouco vamos adentrando na região montanhosa; foi nos arredores da serra, de topo rochoso, onde foi fundada, no ano de 1824, a primeira colônia alemã no sul do Brasil no domínio imperial de Feitoria Velha<sup>2</sup> e onde se deu o início do povoamento de todo esse cinturão florestal por agricultores alemães.

No local do antigo domínio se ergue uma cidadezinha próspera, quase inteiramente alemã, que em muitos aspectos constitui um ponto central para as colônias situadas às suas costas. Os jesuítas fundaram aqui o seu colégio, ao qual também





194 está vinculado um bom museu de história natural, e o pastor protestante Rothermund fundou também aqui uma escola superior protestante.

A ferrovia continua alguns quilômetros adiante até Novo Hamburgo, até o sopé da montanha. Então recomeçam as viagens sul-americanas. Aqui só é possível dirigir em alguns caminhos; caminhar é muito incômodo, então você faz como em qualquer outro lugar da América do Sul, vai cavalgando. Se, no entanto, o cavalo é o animal de montaria comum nas pastagens brasileiras, aqui nas montanhas florestadas as pessoas preferem, com razão, a mula mais forte e mais resistente, mas também muito mais cara, a qual o agricultor alemão designa com a palavra brasileira mula ou simplesmente como burro. Pelo preço de 4 marcos por dia, aluguei uma mula e saí andando alegremente sobre ela, sem guia e sem qualquer outra bagagem além da que pudesse carregar nos alforjes. Aqui você não precisa pernoitar em cabanas sujas de índios, como costuma acontecer nos Andes peruanos, onde você só tem o conforto que traz consigo. Aqui você encontra todas as noites uma recepção amigável em alguma casa comercial ou sítio alemão, recebe em troca comida saborosa e pode ter uma conversa estimulante em sua língua nativa com compatriotas inteligentes. Existe uma classe de pessoas que passa grande parte do ano viajando no território das colônias; são os chamados mascates (*Musterreiter*), os viajantes de negócio de Porto Alegre, que saem de um negócio ou, como se diz em alemão brasileiro, de uma venda a outra, apresentando as amostras que carregam consigo em grandes alforjes para escolha e cobrança das contas. Eles são, em sua maioria, jovens alemães, pois a língua nas colônias é definitivamente o alemão, e a maioria dos comerciantes não conseguiria concluir um negócio em português; são pessoas alegres e por vezes algo aéreas, de fácil convivência e de quem recebi muitas informações úteis sobre a região e o povo.

Meu primeiro destino foi a grande cachoeira de Teewald<sup>3</sup>, que é visitada por quase todos os viajantes que chegam a esta região e é de fato o seu ponto de destaque. Uma subida de um quarto de hora nos leva de Novo Hamburgo até Hamburgo Velho<sup>4</sup>, um área bonita com uma igreja visível à distância, com diversas lojas e pousadas que são frequentemente visitadas como retiros de verão de Porto Alegre por causa do sítio salubre. Do outro lado o morro continua a subir entre as plantações de Schwabenschneiz<sup>5</sup>. Logo um caminho se bifurca à direita até a Colônia Mundo Novo; passa por Leonerhofe<sup>6</sup>, palco da chamada Revolta dos Muckers<sup>7</sup> e, portanto, um lugar de triste notoriedade na história das colônias alemãs. Na década de 1850, formou-se aqui uma seita religiosa que causou os maiores danos em seu fanatismo, rejeitou todos os ataques dos militares brasileiros neste terreno intransitável e só conseguiu ser domada pelos demais colonos alemães.

Após cerca de uma hora chegamos ao topo de onde se erguem ligeiramente à direita do caminho os dois picos rochosos e abaulados das montanhas dos Dois Irmãos. Diante de nós está agora o amplo e fértil vale do Baumschneiz<sup>8</sup> com uma mistura colorida de campos, prados e arbustos e com lindos casarões brancos sombreados por laranjeiras e palmeiras, e atrás delas novamente cadeias de montanhas monotonamente estruturadas com cristas quase horizontais e encostas arborizadas escuras. O

ein gutes naturhistorisches Museum verbunden ist, und auch der evangelische Pastor Rothermund hat hier eine höhere evangelische Schule begründet.

Die Eisenbahn fährt noch einige Meilen weiter nach Neu-Hamburg bis an den Fuß des Berges heran. Dann beginnt wieder südamerikanisches Reiten. Fahren ist hier nur auf einzelnen Wegen möglich, das Gehen zu un bequem, man macht es daher wie überall in Südamerika, man reitet. Ist aber in den brasilianischen Grasfluren das Pferd das allgemeine Reithier, so zieht man hier in den Waldbergen mit Recht das kräftigere und ausdauerndere, aber auch viel theurere Maulthier vor, das der deutsche Bauer entweder mit dem brasilianischen Worte Mule oder einfach als Esel bezeichnet. Für den Preis von 4 Mark täglich mietete ich mir ein Maulthier und trachte dann lustig darauf los, ohne Führer und ohne anderes Gepäck, als ich in den Satteltaschen mitführen konnte. Hier braucht man ja nicht, wie so oft in den peruanischen Anden, in schmutzigen Indianerhütten zu übernachten, wo man nur den Confort hat, den man sich selber mitbringt. Hier findet man jeden Abend in irgend einem deutschen Geschäfts- oder Bauernhause freundliche Aufnahme, erhalt gegen billiges Entgelt meist ein reinliches Bett und einfache, aber kräftige und schmackhafte Kost und kann sich in der Muttersprache mit verständigen Landstleuten anregend unterhalten. Es giebt eine Classe von Leuten, die einen großen Theil des Jahres auf Reisen im Gebiete der Colonien zubringen; das sind die sogenannten Musterreiter, die Reisenden der Geschäfte von Porto Alegre, die von einem Geschäftshaus, oder wie man in brasilianischem Deutsch sagt, von einer Vende zur anderen reiten, die Muster, die sie in großen Satteltaschen mit sich führen, zur Auswahl vorlegen und die Rechnungen eincaassiren. Es sind meist junge Deutsche, denn die Sprache in den Colonien ist ja durchaus deutsch, und die meisten Geschäftsleute würden nicht imstande sein, ein Geschäft auf Portugiesisch abzuschließen; es sind lebensfrohe und mitunter wol auch etwas leichtsinnige Menschen, mit denen es sich gut auskommen läßt und von denen ich manche nützliche Auskunft über Land und Leute erhalten habe.

Mein erstes Ziel war der große Wasserfall im Theewald, der von fast allen Reisenden, welche in diese Gegend kommen, besucht wird und in der That ihren Hauptpunkt bildet. Ein viertelstündiger Aufstieg führt uns von Neu-Hamburg zum Hamburger Berg hinauf, einem hübschen Flecken mit weithin sichtbarer Kirche, mit mehreren Kaufläden und Gasthäusern, die wegen der freien gelunden Lage gerne als Sommerfrischen von Porto Alegre aus aufgesucht werden. Jenwärts steigt der Weg zwischen den Anpflanzungen der Schwabenschneiz weiter in die Höhe. Bald zweigt sich rechts ein Weg nach der Colonie Mundo Novo ab; er führt beim Leonerhofe vorbei, dem Schauplatz des sogenannten Muckerkrieges und darum einer Stätte trauriger Berühmtheit in der Geschichte der deutschen Colonien. In den Fünfzigerjahren hatte sich hier eine religiöse Secte gebildet, die in ihrem Fanatismus den größten Unfug trieb, alle Angriffe des brasilianischen Militärs in diesem unwegsamen Gelände zurückwies und erst durch die übrigen deutschen Colonisten gebändigt werden konnte.

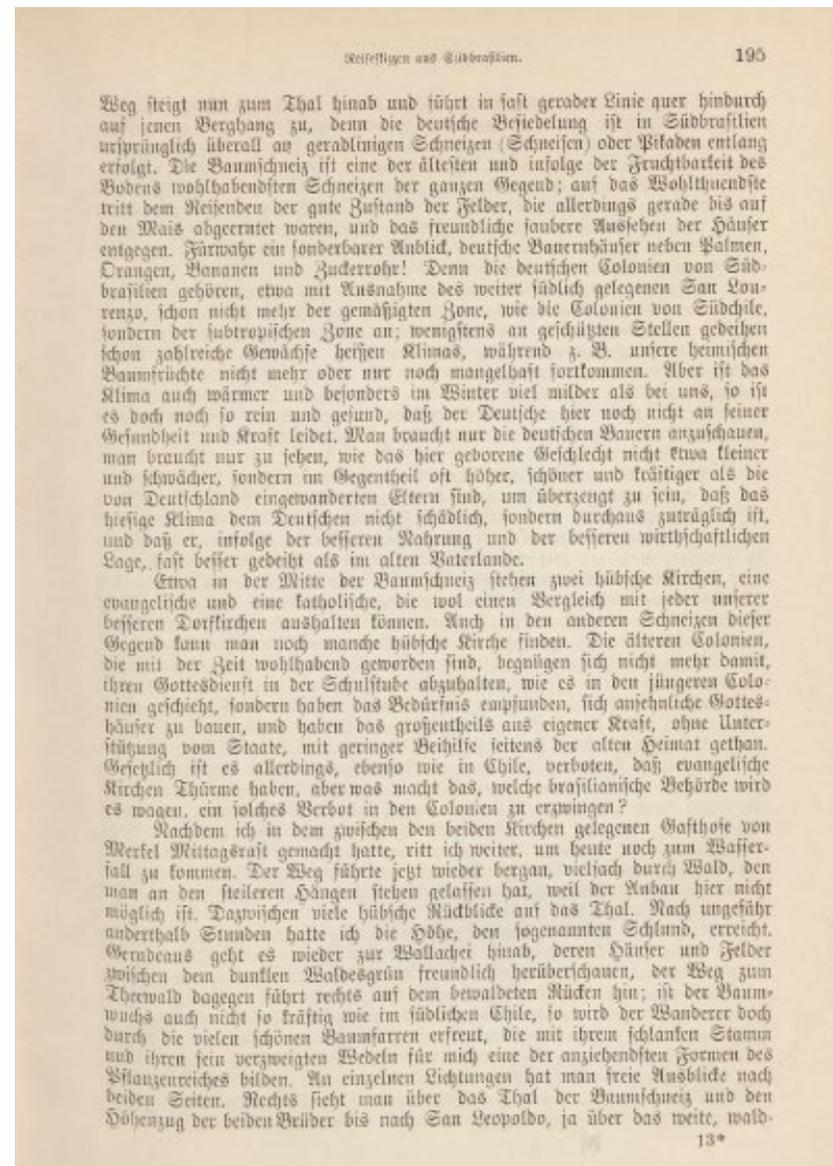
Nach ungefähr einer Stunde erreichen wir den Höhenzug, aus dem sich etwas rechts vom Wege die zwei runden, aber felsgekrönten Bergfluppen der beiden Brüder (Dois Irmãos) erheben. Vor uns liegt jetzt das weite, freundbare Thal der Baumschneiz mit einem bunten Wechsel von Feldern, Weiden und Gebüsch und mit hübschen weißen Bauernhäusern, die von Orangenhainen und Palmen beschattet werden, und dahinter wieder eintönig gegliederte Bergtäler mit beinahe wagrechtm Kämme und dunkel bewaldeten Hängen. Der



195 caminho agora desce até o vale e segue em linha quase reta em direção àquela encosta da montanha, porque a colonização alemã no sul do Brasil ocorreu originalmente ao longo de trilhas ou picadas<sup>9</sup> em traçado reto. O Baumschneiz é uma das trilhas mais antigas e, devido à fertilidade do solo, a mais próspera de toda a região. O que mais reconforta o viajante é que ao lado oposto aos campos em bom estado, que aliás tiveram até mesmo sua colheita de milho recém-realizada, encontram-se casas de aspecto amigável e limpo. Uma visão realmente excêntrica, casarões alemães ao lado de palmeiras, laranjeiras, bananeiras e cana-de-açúcar! Pois as colônias alemãs do sul do Brasil, à exceção de São Lourenço [do Sul – N.R.] localizada mais ao sul, não mais pertencente à zona temperada, como as colônias do sul do Chile, mas à zona subtropical; ao menos em locais protegidos, numerosas plantas já prosperam em climas quentes, enquanto os frutos das nossas árvores nativas, por exemplo, já não crescem mais ou apenas crescem mal. Mas embora o clima seja mais quente e, especialmente no inverno, muito mais ameno que o nosso, ainda é tão puro e saudável que os alemães aqui não sofrem com a saúde e o vigor. Basta olhar para os agricultores alemães, basta apenas ver como as pessoas nascidas aqui não são menores e mais fracas, mas pelo contrário, são muitas vezes mais altas, mais bonitas e mais fortes do que os pais que emigraram da Alemanha, para se convencer de que o clima quente aqui não é prejudicial, mas sim absolutamente benéfico ao alemão, e que, como resultado da melhor alimentação e da melhor situação econômica, prospera até melhor do que na antiga pátria.

Mais ou menos na metade da trilha de Baumschneiz há duas belas igrejas, uma protestante e uma católica, que certamente podem ser comparadas com qualquer uma de nossas melhores igrejas de vilarejo. Você também pode encontrar algumas belas igrejas em outras trilhas dessa região. As colônias mais antigas, que enriqueceram ao longo do tempo, já não se contentam em realizar os seus cultos nas salas de aula, como acontece nas colônias mais recentes, mas sentiram a necessidade de construir igrejas imponentes e em grande parte o fizeram a partir de sua própria capacidade, sem apoio do Estado, com escassa ajuda por parte da antiga pátria. Porém, como no Chile, é legalmente proibido que igrejas protestantes tenham torres; mas o que isso importa, qual autoridade brasileira ousará impor tal proibição nas colônias?

Depois de almoçar na pousada de Merkel situada entre as duas igrejas, prosseguiu em cavalgada para chegar à cachoeira ainda no mesmo dia. O caminho agora subia novamente, muitas vezes através de florestas que permaneciam em pé nas encostas mais íngremes porque o cultivo não é possível aqui. No meio do caminho, há muitas belas vistas do vale. Depois de cerca de uma hora e meia eu tinha alcançado o topo, o assim chamado Schlund<sup>10</sup>. Seguindo em frente retornamos a Walachai, cujas casas e campos se abrem agradavelmente entre a floresta verde escura, enquanto o caminho para o Teewald leva à direita ao cume arborizado. Embora o crescimento das árvores não seja tão vigoroso como no sul do Chile, o caminhante ainda fica satisfeito com as várias belas samambaias que, com seu tronco esguio e folhas delicadamente ramificadas, constituem para mim uma das formas mais atraentes do reino vegetal. Em algumas clareiras você tem visões livres para ambos os lados. À direita avista-se o vale do Baumschneiz e a serra dos Dois Irmãos até São Leopoldo, e mesmo a ampla





196 planície (*Flachland*) recoberta por floresta até a massa de casas brancas de Porto Alegre e o espelho d'água resplandecente do Guaíba; à esquerda, o olhar recai sobre um emaranhado de vales florestais profundamente entalhados e estreitos, e longas cadeias de montanhas escuras, quase planas, que parecem ter quase todas a mesma altura. Se pudéssemos conecta-las através de um patamar ideal, surgiria irresistivelmente a convicção de que na verdade formaram um platô (*Tafelland*) que só foi retalhado pelos rios. O planalto (*Hochland*) chegou não apenas até aqui, mas muito mais além na direção sul, e apenas ao longo do tempo foi sendo fragmentado e acabou recuando.

Cerca de duas horas mais tarde, saí da floresta e adentrei as plantações da colônia Teewald, que deve seu nome ao fato de que nessa região arbustos do chá brasileiro erva mate (*Ilex Paraguaensis*), outrora cresceram em abundância. Contornei um pequeno vale lateral e logo alcancei o rio Cadeia, geralmente um rio muito exuberante, mas no momento, devido à longa seca, tão baixo que pude atravessá-lo sem dificuldade. Logo na outra margem, encontrei uma recepção amigável para passar a noite no moinho da viúva Boges.

Poucos minutos abaixo do moinho, o rio forma a cachoeira, principal atrativo de toda a região. A vista de cima oferece pouco apelo, pelo menos dado o baixo nível da água, porque não há um ponto de vista adequado para apreciá-la. Para apreciar a beleza da queda, é preciso descer até seus pés por um caminho da floresta escorregadio. O filho do moleiro me conduziu. Sobre as rochas imediatamente acima da queda atingimos a margem esquerda e descemos uma distância considerável. Depois de um tempo, porém, o caminho retornou à direita em uma saliência entre a cascata de água e a parede rochosa. Há apenas alguns anos este caminho foi descoberto por acaso, quando um agricultor que aqui caçava de repente avistou os seus cães do outro lado do vale e os viu regressar por detrás da massa de água em cascata. Uma descida muito íngreme e escorregadia nos leva ainda mais próximo ao pé da queda. Mas a vista de baixo compensa todas as dificuldades. Em meio a um exuberante cenário de selva, o rio mergulha em duas saliências, que juntas têm aproximadamente 100 metros de altura (de acordo com medidas barométricas), sobre uma parede rochosa lisa em uma piscina rochosa arredondada e de águas profundas, na qual todo a passionalidade do movimento cedeu lugar a uma sublime calma. A mim a queda me lembrou as Cataratas de Tequendama, na Cordilheira de Bogotá, onde a impressão da paisagem é mediada também principalmente pelo entorno de selva maravilhosamente exuberante em ambos os lados da queda, que é ainda mais alta e mais poderosa.

Depois de um momento de contemplação admirável, subi novamente ao moinho pelo mesmo caminho e, após um segundo café da manhã, continuei a caminhada. Voltei pelo mesmo caminho até a pousada de Merkel, de lá visitei também a assim chamada cachoeira pequena, que não só fica atrás da cachoeira de Teewald em termos de altura, como também em termos de volume de água, mas se desdobra no meio de um lindo cenário florestal e rochoso e por isso também tem seu charme, e depois segui pela longa Picada Café, que sobe e desce três vezes até Nova Petrópolis. Não bastasse as muitas vistas belas dos pontos altos da Picada Café, ainda havia aqui uma vista maravilhosa sobre cumes florestados e vales profundamente entalhados

bedeckte Flachland bis zu den weißen Häusermassen von Porto Alegre und dem blinkenden Wasserpiegel des Guaíba hinüber, links fällt das Auge auf ein Gewirr tief eingeschnittener Waldtäler und langgestreckter, fast ebenflächlich verlaufender dunkler Bergrücken, die fast alle die gleiche Höhe zu haben scheinen. Man könnte sie durch eine ideale Ebene verbinden, und unwiderlich drängt sich die Ueberzeugung auf, daß sie in der That einst ein Tafelland gebildet haben, das nur durch die Flüsse zerschnitten worden ist. Das Hochland reichte nicht nur bis hierher, sondern noch viel weiter südlich, und ist erst im Laufe der Zeiten zerstückelt und zurückgedrängt worden.

Ungefähr nach zwei Stunden trat ich aus dem Walde in die Anpflanzungen der Colonie Teewald hinaus, die ihren Namen dem Umstande verdankt, daß in dieser Gegend einst Sträucher des brasilianischen Thees, der *Herva Mate* (*Ilex Paraguayensis*), in Masse wuchsen. Ich bog um ein kleines Seitenthal herum und erreichte bald den Rio Cadea, gewöhnlich einen ganz ansehnlichen Fluß, gegenwärtig aber infolge der langen Trockenheit so niedrig, daß ich ihn ohne Schwierigkeit durchreiten konnte. Gleich auf dem anderen Ufer fand ich in der Mühle der Witwe Boges freundliche Aufnahme für die Nacht.

Wenige Minuten unterhalb der Mühle bildet der Fluß den Wasserfall, der der hauptsächlichste Anziehungspunkt der ganzen Gegend ist. Der Anblick von oben bietet wenigstens bei niedrigem Wasserstande wenig Reiz dar, weil kein geeigneter Standpunkt zur Ansicht vorhanden ist. Um die Schönheit des Falles zu genießen, muß man auf schlüpfrigem Waldboden zu seinem Fuße hinabklettern. Der Müllerssohn führte mich. Ueber die Felken unmittelbar oberhalb des Falles gelangten wir auf das linke Ufer und stiegen dort ein beträchtliches Stück abwärts. Nach einer Weile jedoch lehrte der Pfad auf einer Felsleiste zwischen der herabstürzenden Wassermasse und der Felswand auf die rechte Seite zurück. Erst vor wenigen Jahren ist dieser Weg durch einen Zufall entdeckt worden, da ein Bauer, der hier jagte, seine Hunde plötzlich auf der anderen Thalseite erblickte und auf keinen Ruf hinter der herabstürzenden Wassermasse zurückkommen sah. Ein sehr steiler und schlüpfriger Abstieg führt uns weiter zum Fuße des Falles. Aber der Anblick von unten entschädigt reichlich für alle Mühseligkeiten. Inmitten einer üppigen Urwaldscenerie stürzt sich der Fluß in zwei Abfällen, die zusammen ungefähr 100 Meter hoch sind (nach barometrischer Messung), über eine glatte Felswand in ein rundliches Felsbecken mit tiefem Wasser hinab, in dem alle Leidenschaft der Bewegung einer erhabenen Ruhe gewichen ist. Mich erinnerte der Fall an den Tequendamafall in der Cordillere von Bogotá, wo der landschaftliche Eindruck auch hauptsächlich durch die wunderbar üppige Urwaldumgebung zu beiden Seiten des dort allerdings noch höheren und mächtigeren Falles bedingt wird.

Nach einer Weile bewundernder Betrachtung kletterte ich auf demselben Pfade wieder zur Mühle empor und setzte nach einem zweiten Frühstück die Wanderung fort. Bis zum Gutshaus von Merkel ritt ich demselben Weg zurück, von da besuchte ich auch den sogenannten kleinen Wasserfall, der nicht nur an Höhe, sondern auch an Wassermenge hinter dem Wasserfall im Teewald zurücksteht, aber sich inmitten einer hübschen Wald- und Felscenerie entfaltet und dadurch auch seinen Reiz besitzt, und ritt dann durch die lange, dreimal auf- und absteigende Kaffeekneuz nach Neu-Petropolis weiter. Hatte ich schon von den Höhenpunkten der Kaffeekneuz aus eine Menge hübscher Blicke gehabt, so bot sich hier eine ganz herrliche Aussicht über bewaldete Rücken und tief



197 com povoações amigáveis e além da planície até as casas de Porto Alegre e da bacia do lago do Guaíba. Foi uma das vistas mais lindas que desfrutei nesta viagem pelo sul do Brasil. E quando parei para tomar café da manhã no estabelecimento comercial de Nienow, conheci ele e sua esposa, dois pomeranos com boa educação e bom senso. Em casa eram assalariados diaristas pobres e oprimidos; aqui adquiriram uma posição econômica independente e, ao mesmo tempo, liberdade de pensar e agir!

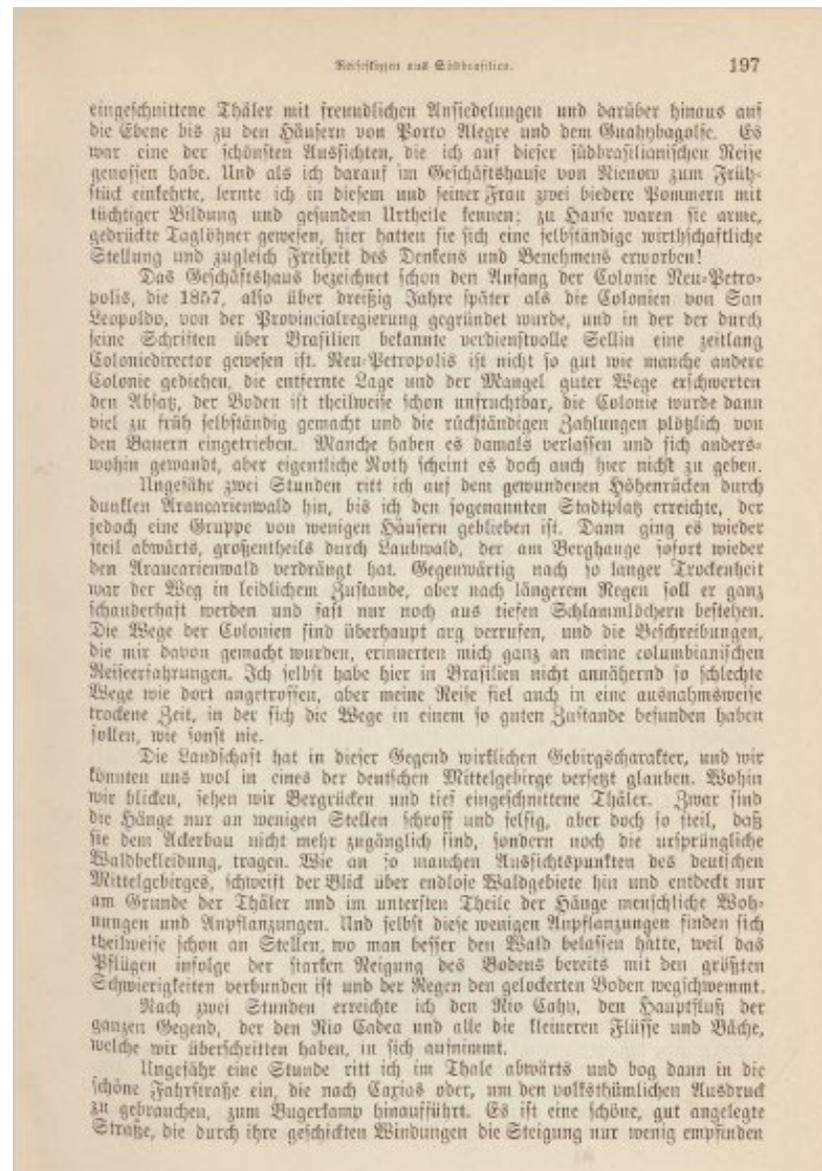
O estabelecimento comercial marca o início da colônia Nova Petrópolis, fundada pelo governo provincial em 1857, portanto, mais de trinta anos depois das colônias de São Leopoldo, e na qual o benemérito Sellin, conhecido por seus escritos sobre o Brasil, foi o diretor de colônia por um tempo. Nova Petrópolis não prosperou tão bem quanto algumas outras colônias. A localização distante e a escassez de boas estradas dificultaram as vendas; o solo já era parcialmente estéril. A colônia então se tornou autônoma muito cedo e os pagamentos atrasados dos agricultores foram repentinamente cobrados. Algumas pessoas a abandonaram naquela época e migraram para outro lugar, mas parece não haver aqui nenhuma carência verdadeira.

Cavalguei por cerca de duas horas pela serra sinuosa através da escura floresta de araucárias até alcançar a assim chamada praça da cidade, que, todavia, permanecia um agrupamento de poucas casas. Depois descia novamente, em grande parte por floresta caducifolia, que imediatamente era substituída por floresta de araucárias na encosta da montanha. Atualmente, depois de tanto tempo de seca, a estrada se encontrava em condições toleráveis; mas após um longo período de chuva deve ficar completamente horrorosa e quase toda com profundos buracos de lama. As estradas das colônias são geralmente muito desonrosas, e as descrições que delas me foram feitas me lembraram totalmente de minhas experiências de viagem pela Colômbia. Pessoalmente, não encontrei aqui no Brasil estradas tão ruins quanto as de lá, porém, minha viagem também ocorreu durante uma época excepcionalmente seca, na qual as estradas devem ter ficado em uma situação tão boa como nunca antes.

A paisagem dispõe nessa região de um caráter verdadeiramente montanhoso, e poderíamos facilmente nos imaginar numa das baixas montanhas alemãs. Para onde quer que olhemos, vemos cumes de montanhas e vales profundamente entalhados. Embora as encostas sejam acidentadas e rochosas em apenas alguns poucos lugares, ainda são tão íngremes que já não são mais acessíveis à agricultura, mas ainda mantêm a cobertura florestal original. Como em tantos mirantes das baixas montanhas alemãs, a vista percorre intermináveis áreas florestais e só descobre plantações e habitações humanas no fundo dos vales e nas partes mais baixas das encostas. E mesmo essas poucas plantações às vezes já podem ser encontradas em locais onde seria melhor sair da floresta, porque arar é muito difícil devido ao declive acentuado do terreno e ao fato da chuva levar o solo solto.

Depois de duas horas cheguei ao rio Cahy, o principal rio de toda a região, que inclui o rio Cadea e todos os rios e córregos menores que atravessamos.

Desci o vale por cerca de uma hora e depois peguei a bela estrada que leva até Caxias ou, para usar a expressão popular, até o Campo dos Bugres. É uma estrada bonita e bem traçada que, graças às suas curvas hábeis, torna a inclinação apenas ligeiramente



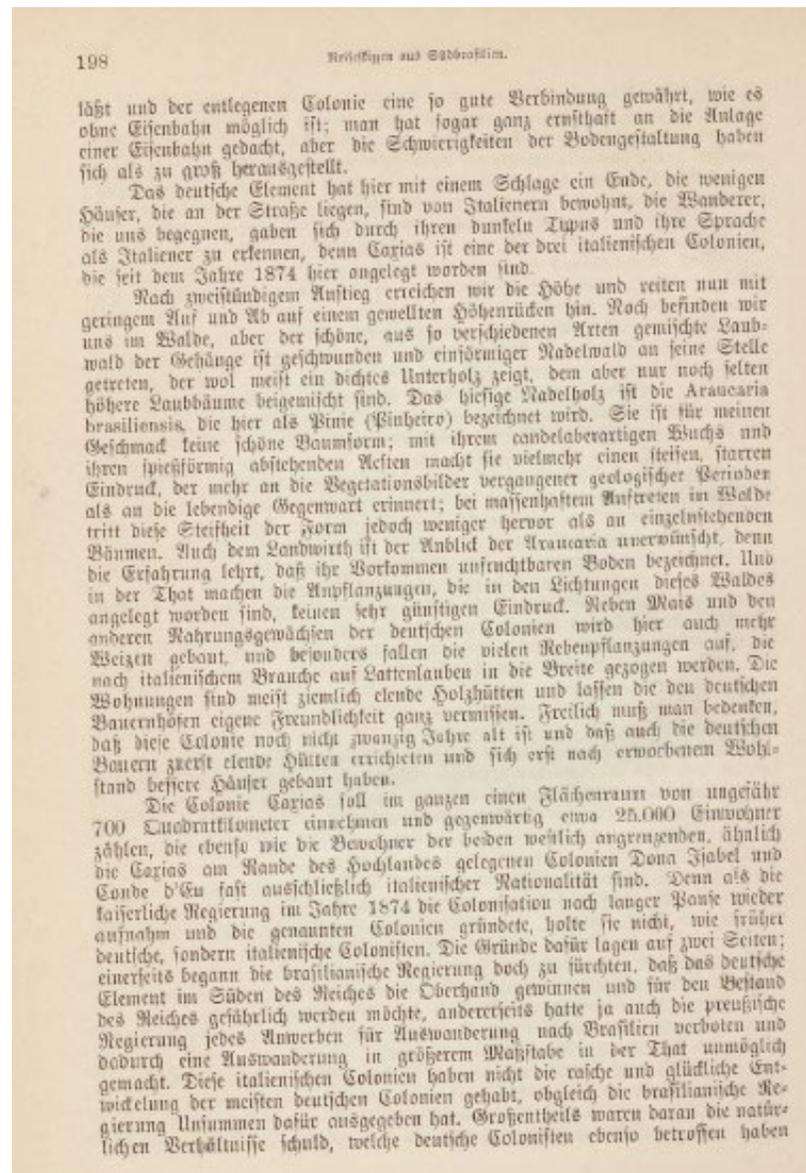


198 perceptível e proporciona à remota colônia uma conexão tão boa quanto possível sem uma ferrovia. Pensou-se seriamente em construir uma ferrovia, mas as dificuldades da formação do relevo se revelaram demasiado grandes.

O elemento alemão tem aqui um fim abrupto. As poucas casas na rua são habitadas por italianos; os caminhantes que encontramos se identificavam como italianos pelo seu tipo moreno e pela sua língua, pois Caxias é uma das três colônias italianas que aqui foram estabelecidas desde 1874.

Depois de uma subida de duas horas chegamos ao topo e agora cavalgamos uma crista ondulada com pequenas subidas e descidas. Ainda nos encontramos na floresta, mas a bela floresta caducifólia das encostas, composta por tantas espécies diferentes, desapareceu e tomou o seu lugar uma floresta uniforme de coníferas, que costuma ter uma vegetação rasteira densa, mas que só raramente se mistura com árvores decíduas mais altas. A madeira macia local é a *Araucária brasiliensis*, aqui designada de pinho (pinheiro). Essa não é uma bela forma arbórea para o meu gosto; com seu talhe semelhante a um candelabro e os seus ramos em forma de lança, causa uma impressão rígida e estática que lembra mais as imagens da vegetação de períodos geológicos passados do que do presente vivo; quando ocorrem em massa na floresta, essa rigidez da forma é menos perceptível do que em árvores situadas de maneira isolada. Também para o agricultor a miragem da *Araucária* é indesejável, pois a experiência mostra que sua presença indica solo infértil. E de fato as plantações que foram cultivadas nas clareiras desta floresta não causam uma impressão muito favorável. Além do milho e de outras culturas alimentares das colônias alemãs, aqui também se cultiva mais o trigo, e o que é particularmente notável são as muitas plantações secundárias, que se espalham em caramanchões de ripas, segundo o costume italiano. As moradias são, em sua maioria, cabanas de madeira bastante pobres e carecem completamente da simpatia típica dos sítios alemães. Claro, é preciso lembrar que esta colônia ainda não tem vinte anos e que os agricultores alemães construíram inicialmente míseras cabanas e só construíram casas melhores depois de terem adquirido bem-estar.

A colônia de Caxias deve ter uma área de aproximadamente 700 quilômetros quadrados e conta atualmente com cerca de 25 mil habitantes que, assim como os moradores das duas colônias semelhantes a Caxias e situadas na divisa a oeste, na borda do planalto, Dona Isabel e Conde d'Eu, são quase exclusivamente de nacionalidade italiana. Pois quando o governo imperial retomou a colonização em 1874, após uma longa pausa, e fundou as mencionadas colônias, trouxe colonos, não como antes, alemães, mas sim italianos. As razões para isto foram duplas: por um lado, o governo brasileiro começou a temer que o elemento alemão no sul do império ganhasse vantagem e se tornasse uma ameaça à existência do império; por outro, o governo prussiano também tinha proibido qualquer recrutamento para emigração ao Brasil e, com isso, inviabilizado de fato a emigração em grande escala. Essas colônias italianas não tiveram o desenvolvimento rápido e bem-sucedido da maioria das colônias alemãs, embora o governo brasileiro gastasse somas enormes com elas. Isto se deveu, em grande parte, às condições naturais, que também teriam afetado os colonos alemães.



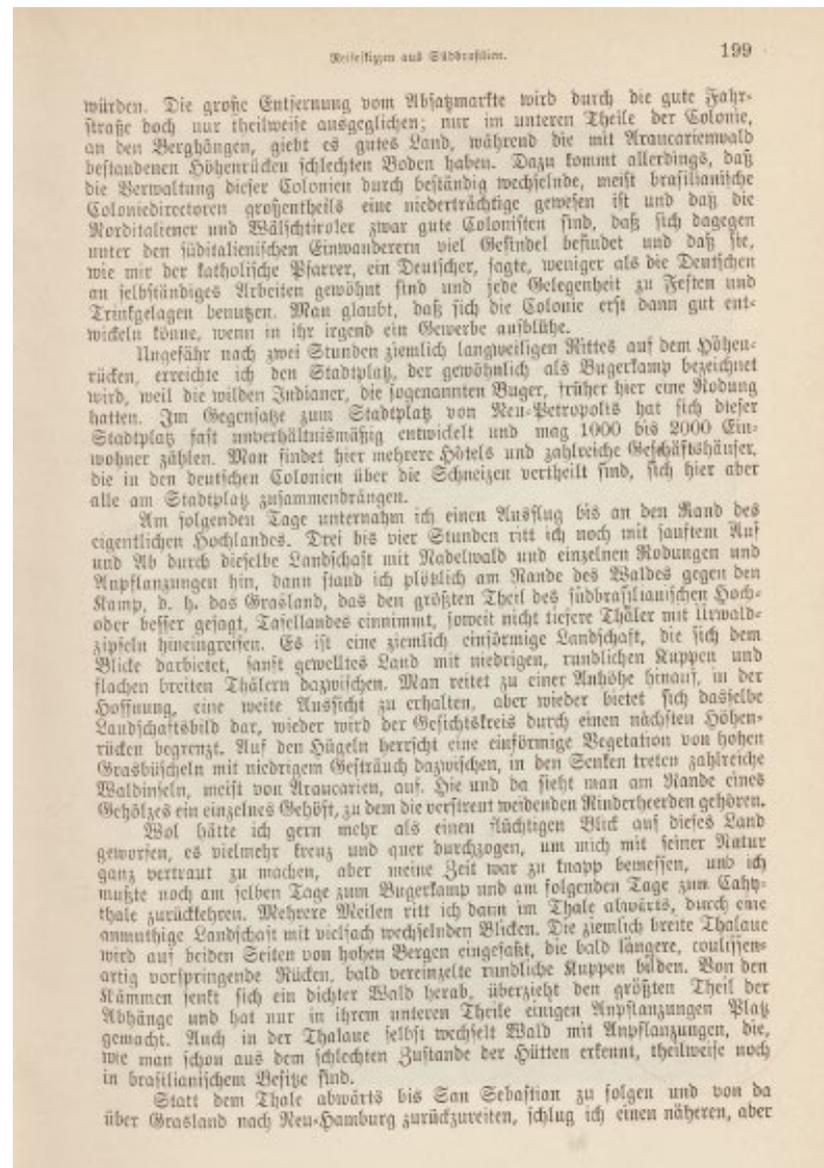


199 A grande distância do mercado de vendas é compensada apenas parcialmente pela boa estrada; somente na parte baixa da colônia, nas encostas das montanhas, há terras boas, enquanto as serras cobertas por mata de araucárias têm solos ruins. A isso se soma, porém, o fato de que a administração dessas colônias por diretores de colônia em constante mudança, principalmente brasileiros, tem sido em grande medida tacanha; que os italianos do norte bem como os trentino-tiroleses sejam certamente bons colonos, mas que há muita hostilidade contra eles e os imigrantes do sul da Itália e que eles, tal como dito por um padre católico, um alemão, estão menos habituados que os alemães a trabalhar de forma autônoma e aproveitam todas as oportunidades para festejar e beber. Acredita-se que a colônia só possa se desenvolver bem se nela florescer algum tipo de indústria.

Depois de cerca de duas horas de uma cavalgada um tanto enfadonha pela serra, cheguei à praça da cidade, geralmente chamada de Campo dos Bugres, porque os índios selvagens, os assim chamados bugres, tinham antes aqui uma roça. Em contraste com a praça da cidade de Nova Petrópolis, esta praça se desenvolveu de forma quase desproporcional e pode ter de 1.000 a 2.000 habitantes. Aqui se encontram vários hotéis e numerosos estabelecimentos comerciais, que nas colônias alemãs estão espalhados pelas picadas, mas aqui estão todos concentrados na praça da cidade.

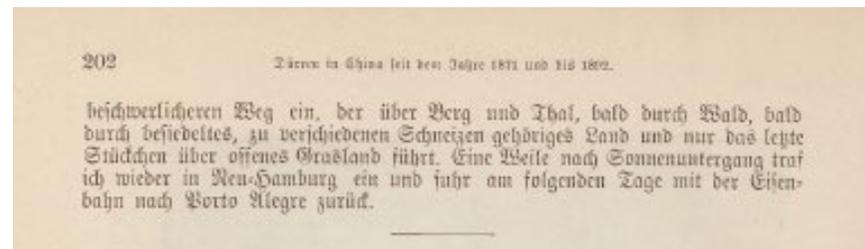
No dia seguinte, empreendi uma incursão até a margem do verdadeiro planalto. Durante três a quatro horas, cavalguei suavemente para cima e para baixo pela mesma paisagem com floresta de coníferas e roças e plantações individuais, e de repente me vi na borda da floresta diante dos campos, isto é, a pastagem que ocupa a maior parte do planalto, ou melhor, tabuleiro meridional brasileiro, até o ponto em que não se estendam vales mais profundos e pontas de selva. É uma paisagem bastante monótona que se apresenta à vista, terreno suavemente ondulado com morros baixos e arredondados entremeados por vales planos e largos. Cavalga-se a um morro na esperança de se obter uma visão ampla, mas novamente a mesma paisagem se apresenta, novamente o campo de visão é limitado pela próxima crista. Nos morros há uma vegetação uniforme de altos tufos de capim entremeados com arbustos baixos; nas depressões há numerosas ilhas florestais, principalmente de araucárias; aqui e ali se avista uma quinta isolada à beira de um arvoredo, à qual pertencem os rebanhos dispersos de gado pastando.

Gostaria de ter dado uma olhada mais do que superficial nessa região (*Land*), de ter viajado por toda parte para me familiarizar com sua natureza, mas meu tempo era muito limitado e tive que ir ao Campo dos Bugres no mesmo dia e retornar ao vale do Caí no dia seguinte. Em seguida, cavalguei vale abaixo por vários quilômetros, através de uma paisagem encantadora com muitas vistas diferenciadas. A várzea bastante ampla é delimitada em ambos os lados por altas montanhas, que às vezes formam cristas mais longas, de tipo deslizante, às vezes picos arredondados isolados. Uma densa floresta desce das serras, recobre a maior parte das encostas e só dá lugar a algumas plantações na parte baixa. Na própria várzea também há mata intercalada com plantações, as quais, como se pode verificar pelo mau estado das cabanas, ainda estão parcialmente sob posse brasileira. Ao invés de seguir o vale até São Sebastião e de lá cavalgar de volta pela pastagem até Novo Hamburgo, tomei uma rota mais próxima, mas





202<sup>11</sup> mais difícil, que passa por montanhas e vales, ora por florestas, ora por terras povoadas pertencentes a diferentes picadas e apenas o último pedacinho por campos abertos. Cheguei em Novo Hamburgo um pouco depois do pôr do sol e peguei o trem de volta para Porto Alegre no dia seguinte.



## NOTAS

\* – Agradecemos ao Prof. Dr. Rogério Haesbaert pela revisão do texto traduzido bem como pelas atualizações da toponímia mencionada no mesmo. [N.T.]

1 – O autor se refere à Lagoa de Vístula (Frisches Haff em alemão), que pertenceu à Prússia e que no período de publicação do presente artigo encontrava-se inteiramente sob possessão da Alemanha, sendo dividida no período entreguerras com a Polônia e, posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, constituindo parte do território da URSS. [N.T.]

2 – Atual município de São Leopoldo [N.R.]

3 – Município de Santa Maria do Herval – RS. [N.T.]

4 – Atual centro histórico e à época conhecido como Hamburger Berg. [N.T.]

5 – *Schwabenschneiz* é o topônimo de um atual distrito de Dois Irmãos – RS chamado Travessão e que no passado pertenceu a São Leopoldo – RS. [N.T.]

6 – Também chamada de Fazenda Leão. [N.T.]

7 – Também conhecida como Campanha do Morro do Ferrabrás, a Revolta dos Muckers foi um conflito armado ocorrido entre 1873-1874 entre tropas militares e membros da mencionada seita religiosa. [N.T.]

8 – Atualmente conhecido como Portal da Serra, bairro de Dois Irmãos. [N.T.]

9 – Uma picada se refere a um caminho, trilha ou estrada aberta no meio do matagal ou floresta. [N.T.]

10 – Bairro da cidade de Morro Reuter – RS. [N.T.]

11 – As páginas 200 e 201 foram publicadas com imagens referentes a outro artigo do periódico. [N.T.]

## COMO CITAR ESTA TRADUÇÃO

HETTNER, Alfred. Esboços de viagem ao sul do Brasil: uma visita às colônias alemãs e italianas em Porto Alegre no sul do Brasil (1892). Tradução: Leonardo Arantes. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 21, n. 1, p. 431-439, Ano. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.89515>. Acesso em: DD MMM. AAAA.